

CULTURA, CURRÍCULO E O RITMO CONTESTADOR DO HIP HOP

Carolina da Purificação Costa*
Paola Karine Silva Gomes*
Lílian Miranda Bastos Pacheco**

RESUMO: *A proposta deste artigo é promover uma discussão sobre os sentidos que a palavra currículo pode assumir, utilizando o movimento música Hip Hop como exemplo para entender essa polissemia, que se constrói no cotidiano do espaço escolar. A música será abordada aqui de duas maneiras: como um currículo em si e como um instrumento pedagógico do currículo escolar. Este estudo relaciona conhecimento, experiência, cultura e escola, estabelecendo algumas relações entre currículo da música e currículo escolar.*

Palavras-chave: Cultura; Currículo; Música; Hip hop.

O avanço dos estudos das teorias curriculares alcançado com as teorias pós-críticas conseguiu repensar o caráter único que era atribuído ao currículo, uma grade fechada de conteúdos escolares que visava à reprodução da relação de dominação das classes. No intuito de apresentar um novo sentido de currículo no espaço escolar, foi utilizada uma bibliografia que trabalhasse as teorias do currículo e fizesse uma discussão sobre sala de aula, cultura e identidade. A obra de Tomaz Tadeu da Silva (2003), *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*, delinea uma concepção histórica sobre currículo, onde as teorias curriculares produzidas pelos Estudos Culturais ingleses são de suma importância. O artigo de Juarez Dayrell (1996), “A escola como espaço sócio – cultural”, presente no livro *Múltiplos Olhares sobre a educação e cultura*, permite a reflexão sobre a pluralidade construída na escola.

As teorias do currículo, segundo Tomaz Tadeu da Silva (2003), estão intimamente ligadas à seleção de conteúdos que serão ensinados, sendo que estes são escolhidos a fim de moldar determinadas opiniões e identidades. Dessa maneira, em vez de se perguntar “o que é currículo”, seria mais interessante pensar para quem ele foi feito ou que tipo de pessoas ele pretende formar.

“Talvez possamos dizer que, além de uma questão de conhecimento, o currículo é também uma questão de identidade. É sobre essa questão, pois, que se concentram também as teorias curriculares.” (SILVA, 2003, p. 15-16).

Sem se preocupar com o caráter ontológico do currículo, Silva (2003) se detém a pensá-lo sujeito a uma historicidade, parte assim das teorias tradicionais e críticas até as pós-críticas, onde o sentido de currículo alcança o discurso formador de uma identidade não só classista, mas também de gênero, étnica e etária.

* Graduandas em Licenciatura em História pela Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS.

** Orientadora Doutora pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas – FE/UNICAMP. Professora Adjunta do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana – DEDU/UEFS – BA. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Infantil – GEEI.

O currículo se constrói social e culturalmente ao longo do tempo, por isso se tornou objeto dos Estudos Culturais ingleses que se originaram nos anos 60. Isto foi possível graças à reformulação do conceito de cultura promovido por Raymond Williams, que configurou como cultura tudo aquilo produzido através da experiência de grupos sociais. Esta convivência social fabrica um apanhado de significações, passeia inclusive no plano ideológico, refletindo relações de poder. Essa ampliação permitiu repensar o sentido de cultura antes restrito aos cânones clássicos e a existência de uma cultura dominante de valores universais, elitista e burguesa, em que determinados aspectos da vida social seriam relegados a um rótulo de subcultura, sendo que esta estaria sempre associada às massas.

“A cultura é um campo de produção de significados no qual os diferentes grupos sociais, situados em posições diferenciais de poder, lutam pela imposição de seus significados à sociedade mais ampla. A cultura é, nessa concepção, um campo contestado de significação.” (SILVA, 2003, p. 133-134)

Nesse sentido, o próprio conhecimento e o currículo escolar podem ser considerados aspectos culturais, já que refletem uma estrutura de poder, construídos por inúmeros significados a favor de uma identidade. Destaca-se assim o aspecto cultural constituinte do currículo pedagogia.

Esse pensamento que relaciona cultura e educação permite que a música seja vista não restritamente como ferramenta para inibir a rotina da sala de aula, mas também nos leva a encarar esta linguagem ou sistema cultural como um catalisador de experiência humana. A dimensão que o sentido de cultura assume através dos Estudos Culturais torna viável não só pensar a música como instrumento na construção de um currículo escolar, como também analisar a existência de intenções pedagógicas que esta carrega. Isto é, se a significação de cultura pode ser transportada para o plano pedagógico, a idéia de currículo pode ser levada às diversas instâncias culturais como livros, museus, filmes, músicas, programas de TV. Na perspectiva da teorização curricular cultural inglesa, esses determinados sistemas culturais possuem práticas pedagógicas implícitas, cuja intenção é ensinar algo, reproduzir determinadas ideologias, atuando subjetivamente em cada pessoa, transmitindo diversas formas de conhecimento.

Dessa maneira, é possível perceber a escola como um espaço sócio-cultural formado por sujeitos históricos e transformadores, que através de suas experiências re-significam o conhecimento e cotidiano escolar. As relações sociais e a construção da identidade se dão nesse espaço, visto tantas vezes como institucional formador de mão-de-obra, aliado do mercado. Mas, como Juarez Dayrell (1996) afirma, não é somente o conteúdo escolar oficial que transita nos colégios, mas a experiência de cada um dos seus agentes sociais, alunos, professores, funcionários. A cultura escolar é a relação do conhecimento escolar com o extra-classe, que possuem fronteiras mais porosas do que superficialmente aparenta.

“TRAFICANDO INFORMAÇÕES” - EXPRESSÕES DE UMA LUTA IDENTITÁRIA

A escolha da música *Traficando Informação*[†], do rapper MV Bill, se justifica por ser a cultura *hip hop* um movimento político de resistência e luta que emergiu no final da década de 60, nos subúrbios negros e latinos de Nova York. De lá se espalhou pelo mundo, unindo práticas

[†] Música do CD *Traficando Informação*, MV Bill de 1999. Natasha Records/BMG

culturais de jovens negros e latino-americanos nos guetos e ruas dos grandes centros urbanos . O movimento é constituído pela linguagem artística da música (rap, ritmo e poesia, cantado pelos rapper e DJ's), da dança (o break) e das artes plásticas (grafite). O *hip hop* é inovador na manifestação política, como na estética dessa manifestação, com uma produção engajada articula elementos da vida urbana, a necessidade de denúncia e combate com uma produção poética. No Brasil, no final dos anos 80, o hip hop, em destaque o ritmo musical rap, tornou-se para os jovens da periferia um veículo de mobilização e conscientização.

A música *Traficando Informação* será analisada nesse texto como um currículo, ressaltando que esse não é um currículo no sentido planejado e esquematizado como o de uma escola. Entretanto, assim como o currículo escolar, a música, enquanto sistema cultural transmite conhecimento e de certa forma influencia e modifica as idéias, valores e comportamento das pessoas. Ao mesmo tempo em que ambos estão inseridos em complexas relações de poder que tendem a subjugar-los, também provocam a tomada de consciência produzir uma determinada subjetividade e identidade social.

A abreviação do nome do rapper refere-se ao mensageiro da verdade e revela o interesse que ele, através da letra, tem em mostrar a realidade local a partir do ponto de vista do morador. No caso dessa música, a proposta é descrever o cotidiano da Cidade de Deus, no Rio de Janeiro, e em relação ao nome da música, podemos interpretar o traficar, como uma denúncia que o rapper faz utilizando informações que não são vinculadas pela mídia. É a partir de suas vivências que o cantor apresenta a letra, por isso não se pretenderá aqui estar discutindo a intenção ou não do autor, mas a idéia que ele apresenta, pois a música almeja informar: “MV Bill, mensageiro da verdade. MV Bill falando pela comunidade”. Ao pensar nessa música como uma tentativa de construção de uma identidade étnica e de classe, é possível perceber elementos que, por fazer parte da cultura, insere a composição num campo de luta em torno da significação social em que diferentes grupos estão envolvidos, no jogo das definições de identidades.

Há várias referências ao negro e à discriminação racial na música como nos trechos, “a descrição do marginal é preto, pobre e favelado” e “o sistema de racismo é eficaz, um preto pobre a menos é melhor que um preto a mais”. O compositor faz uma relação entre os negros da favela e os escravos africanos no Brasil. Com essa ligação percebe-se uma tentativa de entender a situação hoje do negro como decorrente de um racismo ainda inserido na nossa sociedade, porém modificado. Henrique Cunha Jr. (2003) entende hip hop como uma tentativa analítica da grande política, sem deixar de lado as expressões da situação étnica. O rapper, morador da favela, em sua narrativa vai deslocando o sentimento e olhar das respostas dadas para a construção das suas próprias.

O mensageiro do *hip hop* questiona os significados que foram atribuídos aos negros e a dura situação de exclusão social vivenciada por eles enquanto moradores das favelas. Isto é, a música enfatiza que os moradores sofrem discriminação por ser da favela e negro, o que cria uma identificação a partir do preconceito vivido, pois eles compartilham de uma mesma experiência social e étnica. Para Tomaz Tadeu (2003) esse sentimento de identificação é um instrumento de luta política, uma estratégia importante na organização da luta por uma sociedade mais justa.

Várias vezes a música se refere à comunidade, criticando a desunião, como em “preto não aquecer vê outro preto bem” e que na favela ninguém ajuda o outro. No entanto, coloca que a

dificuldade é fruto do sistema, que faz “o povo lutar contra o povo”, dizendo que o inimigo é outro. A música critica também os moradores, que assistindo televisão, passam a se identificar com o que ela apresenta. O rapper argumenta em prol das referências culturais do local onde vivem. Ele diz “a sociedade dá as costas para CDD (cidade de Deus)”, ou seja, não partirá de fora a solução dos problemas, mas da comunidade. Como nos trechos em que MV Bill se considera um sobrevivente e que a sua salvação foi o *hip hop*.

A violência é apresentada de forma clara e não poderia ser diferente, porque eles convivem diariamente com essa situação. No trecho da música “mente criativa para mal”, o rapper denuncia que a criatividade dos jovens não é aproveitada por causa da situação de dominação, e a alternativa acaba sendo o crime que acontece na periferia. Assim acaba “fazendo o que o sistema quer armadilha para pegar negão”.

Não restringindo apenas à música, mas pensando o ator social envolvido na criação da letra, MV Bill foi um dos fundadores da CUFA (Central Única das Favelas), uma organização com um projeto político e de transformação social claro. Ao situar o discurso musical de MV Bill no projeto político-social da CUFA pode-se compreender o currículo da música. Ela faz parte de um projeto mais amplo, o de ser uma prática de intervenção social e política.

HIP HOP COMO POSSIBILIDADE PEDAGÓGICA

Pensando a música como uma ferramenta pedagógica na construção do currículo escolar, percebem-se múltiplas possibilidades que essa prática pode proporcionar no processo educativo. Juarez Dayrell (1996) defende que a escola é um espaço sócio-cultural, portanto, alunos e professores, por serem sujeitos históricos transformadores, levam para ela suas visões de mundo e projetos a partir dos quais dão significado às várias coisas, inclusive a educação. O contato dos alunos com as manifestações culturais, como a música, de certa forma ajuda a construir suas referências. Se a escola contemplar em seu currículo o trabalho de compreensão da cultura juvenil, isto permitirá uma maior aproximação dos estudantes com a escola.

A escola como ponto de convergência de múltiplas identidades constitui-se como um centro cosmopolita, onde o conhecimento oficial dialoga com o conhecimento cotidiano. A música, usada como instrumento no decorrer da aula, pode ser uma parte substancial de um currículo maior, que é o escolar. Todavia, ela não pode ser encarada somente como uma alternativa paliativa para romper com a monotonia do ensino, dependendo de como é utilizada, a música se torna veículo de comunicação entre a experiência cotidiana e a formalidade escolar.

A possibilidade musical é um meio que na sala de aula pode permitir não só o entretenimento, mas também como meio de reflexão sobre a própria realidade. Tocar música nesse ambiente é repensar e re-significar educação e seus conteúdos formais. Professores acalentados pela idéia de dinamizar suas aulas, levam para seus alunos os clássicos da MPB e às vezes não obtêm o sucesso desejado. Primeiro, porque geralmente a MPB é escolhida por transitar na cultura erudita; e segundo, porque os níveis de identificação dos alunos sejam referenciados por sua realidade local, que se aproxima na maioria das vezes ao pagode ou funk.

Levar o *hip hop* para sala de aula possibilita abordar questões pertinentes à realidade sócio-cultural dos alunos, criando o que Viviane Mello (2002) entende como uma alternativa de utilizar a informação como promotora de uma visão mais crítica do mundo que os rodeia (2002, p. 71). Em outras palavras, trazer a cultura do *hip hop* para a escola é promover uma reflexão de sua realidade, onde os alunos são os principais autores dessa leitura de mundo.

Segundo Henrique Cunha Jr. (2003), ao ler o texto e o contexto, vai decifrando a situação e afirma que o contexto da música é histórico, quer dizer que o conteúdo expresso na letra (racismo, violência, exclusão social) é fruto de um processo histórico da sociedade brasileira. Corroborando com esta idéia Melo (2002) analisa que, aliada ao *hip hop*, a escola torna-se capaz de abordar com mais profundidade assuntos como a questão racial, relacionado-a com preconceitos de classe, uma problemática cara ao contexto brasileiro. (Melo, 2002, p 70).

A música *Traficando Informação* pode ser facilmente utilizada nas escolas do Rio de Janeiro por representar a realidade da comunidade Cidade de Deus. Os elementos citados por MV Bill em sua música podem ser claramente identificados por parte dos alunos cariocas, que são os atores predominantes da realidade descrita. Isso não significa que o *hip hop* se restringe à periferia carioca, pois as temáticas abordadas por ele são amplas e trazem à tona discussões políticas e étnicas. Devido o *hip hop* ter se expandido para outras periferias brasileiras, novos artistas surgiram no intuito de denunciarem os problemas locais, permitindo assim a análise do *hip hop* em outras cidades do Brasil.

EM BUSCA DE CAMINHOS

Com o estudo ainda em andamento, pode-se afirmar que defender o *hip hop* na sala de aula não é excluir a MPB, ou quaisquer outras espécies de conhecimento formal, mas articulá-los de maneira que outras discussões alcancem a escola. A música é um elemento cultural formador de identidade e opinião, encará-la como um currículo enfatiza seu potencial como ferramenta educativa.

O fato de trabalhar o *hip hop* em sala de aula já é uma quebra de preconceito, pois esse é um movimento considerado marginal. O exercício de compreensão do “currículo” em outras instâncias, como nas artes, permite desnaturalizar as formas de conhecer. No caso do *hip hop*, esta manifestação cultural, além de buscar o entendimento de suas posições políticas, ajuda ainda a pensar os processos que presidiram a produção do sujeito morador de favela, a sua discriminação e as desigualdades sociais, econômicas e culturais. É preciso deixar claro que nem a música e nem o *hip hop* são pretensas soluções para o problema da educação, apenas apontam caminhos alternativos.

REFERENCIAS

CUNHA JR., Henrique. **Ver vendo, versando sem verso, escrevendo e se inscrevendo no Hip Hop.** Revista Espaço Acadêmico. N° 31, dezembro de 2003.

DAYRELL, Juarez (org). **Múltiplos olhares sobre a educação e cultura.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996.

MELO, Viviane. **Adolescentes como autores de si próprios: cotidiano, educação e o Hip Hop.** Cad. Cedes, Campinas, v. 22, n. 57, agosto/2002, p. 63-75. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Data de acesso: 11 de julho de 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documento e Identidade: uma introdução às teorias do currículo.** Belo Horizonte, Autêntica, 2003.